

Ventiladores-Cataventos

Ornamento-Degenerado

Diálogos com **Corina S. Navalla**

Corina - Isto é representação, não?

CM - Também é. Diria mais demonstração. Como em tantos outros momentos passou-se o tempo, foi necessária uma trajetória considerável para que pudéssemos enxergar aproximadamente o modo de aparecimento dessa coisa.

Corina - Essa coisa, esse trabalho de arte?

CM – Pode ser chamado assim. Mas, admito algum receio em determinar como arte uma coisa que talvez existisse antes de uma tomada de consciência do campo no qual agora exerço minhas funções.

Corina – Anterior? Como isso, essa coisa, poderia iniciar a trajetória que lhe concederia forma antes de uma tomada de posição de artista?

CM – Essa forma? Essa forma não. Mas, havia, sempre houve, um desejo de construção, uma ânsia para transformar algo em outro.

Uma procura por uma espécie de *gestell* que suprisse de sentido a atuação no mundo. Algo que pudesse canalizar linhas que se movimentam entre a percepção e o intelecto. Isso é anterior. Como se o mundo sempre estivesse ali daquela maneira, composto por um quebra-cabeça imaterial que se reformula ante nossa vontade, embora nos passe a perna por não permitir o sentimento da vitória.

Corina – Como se fosse um enquadramento do mundo percebido?

CM- Não. Mas, também. Junte enquadramento, representação, demonstração com algo diverso, uma atitude “em pró de”. É direcionado.

Uma homenagem. Uma homenagem ao Ornamento Degenerado. É o modo mais aproximado de descrição dessa atividade e de seus resultados apreciáveis.



Corina – Vou perguntar sobre esse “Ornamento Degenerado”. Mas, antes, melhor dizer dessa homenagem.

CM – Nada muito complicado. Ainda é a mesma história do “desdobramento”. Fazer algo por aquilo que já está feito. Gostaria de promover esse tipo de atividade para todos os itens que pudesse identificar como propriamente meus. Sei que isso não é algo possível, que não seja através de alguma abstração extremamente pessoal, ao ponto de não servir para ser mostrada ou mesmo não poder ser executada. No fim é sempre frustrante em algum nível o fato de não se poder dispor para mais ninguém o mundo do modo como ele se apresenta apossado. O máximo que chegamos é a demonstração da possibilidade dessa posse.

Corina – Por esse prisma todo o trabalho de arte seria fechado, nem seria percebido.

CM – Sim. Mas a graça é que essa abstração somente pode ser concretizada sobre o próprio mundo que lhe engendra. Por isso mesmo direciona-se para ele, como uma homenagem.

Sempre que atendo para algo pela primeira vez tento duplicar esse modo de aparição para reestruturá-lo de um jeito demonstrável. Na maioria das vezes não há o menor vestígio de sucesso na empreitada. Às vezes conseguimos tirar novos sentidos de algo deslumbrantemente simples.



Corina – É o caso desse dito “Ornamento Degenerado”?

CM – Sim. Sequer me recordo quando tive o primeiro contato com um desses artefatos. Embora me lembre da última. Curioso que desde então não encontrei mais nenhum ao acaso. Falo certamente do cata-vento feito de hélice de ventilador. A inutilidade dessa coisa me espantou. Não pude encontrar uma definição apropriada para isso. Não parecia servir para nada. Poderia pensar em ver a direção do vento ou até mesmo produzir energia, mas não era nenhum dos casos. Esse troço não recebe atenção suficiente para serventia de indicar a direção do vento e com exceção de um senhor aposentado com manias de invenção que foi meu vizinho, jamais vi alguém usar essas hélices usadas para gerar energia elétrica.

Mas, não costumamos encontrar coisas as quais não sabemos o que são. E se posso dizer que é um catavento feito de hélice de ventilador e inclusive como foi feito devo poder me aproximar das razões de tal objeto sem importância. Tal razão está, indubitavelmente, na estética. Essas coisas são usadas para “caracterizar” residências e terrenos. Normalmente em região costeira, mas encontramos bastante troços desses no interior. Por vezes realmente servem para indicar a direção do vento.



Ainda assim, na maioria das vezes ornamentam a casa. Conferem personalidade, possuem função: uma função ornamental. Esses cataventos improvisados diferenciam um item, a casa ou terreno, de outros itens de mesma função e aparência, outras casas e terrenos. São como medalhas, insígnias costuradas no hábito do sujeito que constrói a coisa e instala em sua propriedade.

O problema é que por diversas vezes esse ornamento degenera-se para não-exibição. Não parece algo realmente feito para ser mostrado. Os encontramos sobre o telhado, onde a vista quase não alcança, próximos a cerca dos fundos, ou suprimidos numa saturação de objetos que praticamente impedem a identificação de todos. Nem sempre é assim, mas essa parte nos interessa.

Existe uma diversidade incomensurável de modos de conectar coisas no mundo. Normalmente planificamos essas relações e umas coisas surgem como protagonistas para outras numa superfície chapada de realidade. Primeiro, segundo, terceiro planos. Costumamos ainda dispor os “itens anexos” nos planos secundário e terciário, apesar de sua presença ser fundamental para a compreensão do plano protagonista. Todos esses planos fazem parte da mesma natureza.

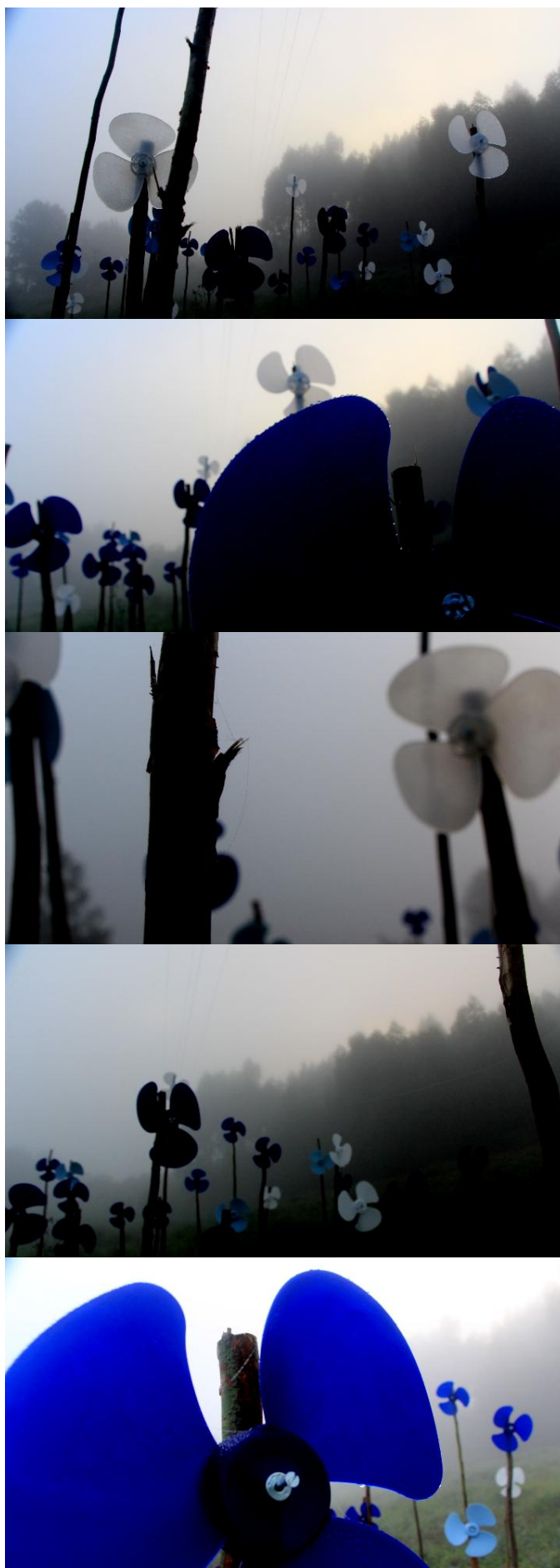


O que ocorre com o Ornamento Degenerado é algo parecido. Buscamos, não apenas nesse trabalho, mas em todo o conjunto dos Ínfimos Corriqueiros – Pormenores Possessivos, transfigurar não-coisas em coisas. Mesmo que não lhes imputemos o título de obras de arte. Fazer com que algo apareça para a realidade através de uma homenagem a sua existência foi a melhor maneira que encontramos de trabalhar com esse objetivo.

Corina – Me recordo que o contato disparador veio através da captação. Muitos desses trabalhos dos ÍC-PP's possuem essa trajetória: da mídia móvel “barata” para uma instalação “requintada”. Semente e Árvore?

CM – Quase todos. É preciso que haja algum ponto de apoio na observação do mundo. O exercício da deriva estética não nasce com essa captação, mas o uso dessas mídias “baratas” auxilia de modo evidente na compreensão do que vemos. Mesmo que não captássemos. Apenas o uso de celulares, gravadores e mesmo a recolha de itens, já põe diante dos nossos olhos as escolhas verdadeiras que fazem Nosso mundo acontecer.

Mas, isso somente ocorre na dosagem. A verdade é que a captação com essas mídias móveis tornou-se algo quase natural na maioria das pessoas.



A ordem então é frear. Retirar o celular do bolso deve ser um ato de conferir valor. Como se fossemos dizer nosso último desejo. Nessa atitude já se encontra o refinamento que buscamos ao pensar o trabalho, observá-lo depois de pronto e conversarmos sobre ele.

O que vem dessas escolhas acaba por possuir, de sua própria potência, uma capacidade de manter-se em desdobramento. Tornam-se coisas vivas e povoam nosso mundo junto de nós.

Ventiladores-Cataventos

Ornamento-Degenerado

COLETIVOmonográfico

(Fabiana Pedroni, Joani Souza, Rodrigo Hipólito)

Sítio Força Verde

20° 15'38.31S – 41°03'13.72O

[25.05.2013 ...]

Exposição componente do projeto *Ínfimos Corriqueiros – Pormenores Possessivos* (Prêmio Bolsa Ateliê 2012-2013 – Secult-ES)

Orientação: Ivo Godoy

Colaboração: Corina Sancha Navalla

Agradecimento: Maria Angélica Pedroni

